



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação

ANDERSON LIMA DE OLIVEIRA

ALMA: ENSAIO SOBRE MÚSICA, VIDA E EDUCAÇÃO

Brasília
2022

ANDERSON LIMA DE OLIVEIRA

ALMA: ENSAIO SOBRE MÚSICA, VIDA E EDUCAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação de Prof^a Dr^a Patricia Lima Martins Pederiva e coorientação de Ms. Elisângela Moreira Peraci

BRASÍLIA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDERSON LIMA DE OLIVEIRA

ALMA: ENSAIO SOBRE MÚSICA, VIDA E EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagogo. Apresentação ocorrida em 24 de agosto de 2022. Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Professora Mestre Daiane Aparecida de Oliveira (UnB- GEPPE)

Prof.^a Ms Regina Jodely Rodrigues Campos Aguiar (IP/ PGPDE/SEEDF)

Professora Mestre Elisângela Moreira Peraci (Coorientadora-GEPPE-)

BRASÍLIA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

Nome: Anderson Lima de Oliveira

Título: Alma: Ensaio sobre música, vida e educação

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2022. 35 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2022.

Palavras-chave: Música, educação, emoções, vivência

*Dedico
este trabalho à minha
mãe, Sheila, e ao
meu irmão, Adilson.
Nós chegamos até
aqui.*

Epígrafe

**Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama**

Edy Rock / Mano Brown – Racionais MC's – Negro Drama

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Sheila Gonçalves Lima, por ter antes de tudo me permitido vivenciar este mundo, e por sempre acreditar nos meus sonhos e objetivos, me apoiando incondicionalmente em minhas decisões.

Aos meus irmãos, Adilson Lima de Oliveira e Gilmara Lima da Silva, como prova de que nós, filhos da dona Sheila, diferente do que disseram, podemos sim conquistar o nosso espaço neste mundo. Somos lutadores e vencedores.

Ao meu padrinho da Universidade de Brasília, Matheus Elias Santos Moreira, o Teteus, que moveu céus e terras para que eu chegasse até aqui, por ser amigo e acreditar em mim até hoje. Isso tudo só foi possível por sua causa.

Ao meu melhor amigo, Lucas Vinícius Silva Corrêa, por ter sido presente na minha vida, inclusive nas minhas maiores necessidades. Por toda a sinceridade, todos os diálogos e vivências compartilhadas.

À Isabelle Karoline Melo da Costa e à Virgínia Viana Corrêa, por acreditarem em mim mesmo nos momentos mais difíceis, e por insistirem em mim, mesmo quando resisti.

Novamente à Isabelle e à Virgínia, mas desta vez acompanhadas da Taílla, da Rita, da Renata, e para além da secretaria de cursos, vou incluir a Deusa e todas as pessoas que, no meu estágio, deram a mim afeto e estrutura nos momentos mais difíceis, diante do ano duríssimo que passei. Vocês são pessoas formadoras, agentes ativos da minha transformação.

Às minhas sobrinhas: Geovanna Lima Oliveira e Julia Andrade Lima, para que não precisem se preocupar em colocar seu nome em lugar algum por pressão deste mundo, se não quiserem. Se almejarem seus nomes marcados nesta tão renomada universidade, não se preocupem, pois eu já marquei.

À professora Patrícia e à Elisângela, que me orientaram com todo o carinho e compreensão. Por terem acreditado em mim até o último momento, sem impor limites e sempre buscando entender o meu lado. Eu nunca teria conseguido espreitar por cima das minhas barreiras sem a ajuda de vocês.

Ao meu pai, Adilson Pereira de Oliveira, por ter insistido que eu estudasse enquanto estive aqui, e se doado a esta causa mesmo quando eu não acreditei ser possível. Sua memória é e sempre será viva em mim.

RESUMO

Este ensaio buscou refletir sobre os lugares da experiência musical, na vida e na educação. Para isso, dialoga com algumas músicas que tratam sobre o assunto, bem como algumas e alguns autores, como bell hooks, por exemplo. Conclui que a música deve estar presente nos processos educativos, como ferramenta de desenvolvimento humano, no tocante à musicalidade, às emoções e vivências.

Palavras-chave: música, educação, emoções, vivência

ABSTRACT

This essay sought to reflect on the places of the musical experience, in life and in education. For that, it dialogues with some songs that deal with the subject, as well as with some authors, such as bell hooks, for example. It concludes that music should be present in educational processes, as a tool for human development, as far as musicality, emotions and experiences are concerned.

Keywords: music, education, emotions, experience

SUMÁRIO

Memorial introdutório.....	p.11
Diário de um detento.....	p.15
Música, preconceito e violência.....	p.18
Negro Drama.....	p.26
Música e esperança.....	p.29
Referências.....	p.34

MEMORIAL INTRODUTÓRIO

No seu quarto, escondido e em um canto onde as teletelas não captavam presença – ou pelo menos onde ele pensava que não – Winston Smith, do livro 1984 de George Orwell, pensava que escrevia por escrever, mas mal sabia que executava um ato de tamanha potência que poderia abalar um estado inteiro de opressão, onde era proibido até mesmo afirmar que dois mais dois são quatro.

A expressão, seja ela escrita, falada, e em outra infinidade de possibilidades, serve para que possamos externar algo, seja para o mundo, para um público seletivo de ouvintes, ou para nós mesmos. As pessoas podem usar diversos meios de expressão para externar suas ideias ao longo de suas vidas, mas costumam ter os seus preferidos para trazer ao mundo seus sentimentos, e se você me perguntasse quais são os meus meios, para falar sobre os meus sentimentos, eu antesalaria, e convidaria você para uma extensa reflexão que compõe a minha trajetória até aqui, nos meus recentes 23 anos completos.

Antes de tudo eu quero que entendam que eu sempre irei estabelecer um antes e depois em relação a um evento da minha vida, que é um dos principais motivos de eu estar aqui e agora, me expressando por escrito. No final do ano passado (2021) participei de uma disciplina chamada Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, comandada pela doutora e professora Patrícia Lima Martins Pederiva, e é a partir da educação musical que este trabalho surge. Do meu processo e entendimento, das concordâncias e, por que não, discordâncias também.

É sobre mim, e isto me faz pensar, escrevendo em primeira pessoa, sobre de que maneira isso seria útil a você, caro leitor ou leitora. Pergunto-me se posso ser algum ponto de identificação, sobre a minha validade, mas a este respeito encontrei a seguinte fala de Bell Hooks (2017), em Ensinando a Transgredir, que me dá forças a seguir adiante nesta empreitada. "Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas". (Hooks, 2017. p.103)

Como vinha dizendo, o parâmetro central será algumas das temáticas que me chamaram atenção no decorrer da disciplina, mas o verdadeiro assunto será o eu dentro e fora dela, usando - é isto mesmo que você está lendo - alguns

sentimentos como eixo para traçar esta trajetória. Afinal, se não puder usar esses sentimentos como base, não fará sentido para mim, e um dos ensinamentos mais importantes que apreendi durante a disciplina, para o entendimento do eu, Anderson Lima de Oliveira, é que é necessário fazer sentido, pois é daí que parte a expressão.

Durante a disciplina, que aconteceu durante o sistema remoto de ensino por conta da pandemia de Covid-19, no silêncio do meu quarto, às vezes 10 minutos atrasado por conta do caminho do serviço até chegar em casa, eu vivi uma série de emoções que eu nunca esperaria de uma disciplina até então. Eu li, escutei com atenção, refleti, o que até então é de praxe, mas também cantei, relaxei, admirei, às vezes estranhei também, e nesses momentos questioneei já esperando uma resposta muito objetiva para me fazer sentir um estrago prazeres, mas por algum motivo minha voz foi abrigada, e então eu chorei.

Fui desarmado, e para me desarmar é necessário romper muitas barreiras que foram criadas com o passar dos anos na minha vida, e que nem eu mesmo fui capaz de entender. Tendo isso em mente, tive de ir presencialmente, no semestre seguinte – este semestre aqui – para saber como eu reagiria, porque presencialmente nunca me ocorreu algo parecido, e eu pude perceber que não, não seria a mesma coisa. Eu não cantaria, talvez nem falasse, quisesse só escutar, escutar... E foi aí que entendi que já não era mais o mesmo.

Eu percebi que as pessoas riam. Que a professora Patrícia, como que de forma teatral, encarnava uma forma brincalhona e super interessada que, não me levem a mal, até se fazia presente no sistema remoto, mas ali, ao vivo, não havia microfone mutado, e tudo parecia fazer mais sentido, era mais vivo. Não era necessário pedir que abrissem o microfone para comentar, pois seus estudantes entravam no clima de suas próprias risadas, que criavam um ambiente leve onde eles mesmos tinham vontade de falar a todo momento, de trocar experiências de forma muito menos rígida, o que mesmo com todos os esforços no sistema remoto não foi possível, ainda que neste eu tenha sido profundamente tocado.

Os sons das risadas, as pessoas entoando o som de grilos, todas ao mesmo tempo, todas se permitindo experienciar aquelas sensações. Algumas travavam na hora de trazer sons simples, e eu certamente me identifiquei com este grupo, mas por que será que nos acanhamos? O que tememos? Sob os

olhares de todos, por que alguns gestos simples nos parecem constrangedores? É como se, de alguma forma, todos os olhares fossem teletelas, como para Winston em sua trágica história, mas durante a disciplina tive a liberdade de expressar, externar, e veja só, se pensar em 1984, como isso já é um ato grandioso.

De todo modo, muito me intrigou falar sobre o barulho, sobre o que era barulho. Todos pesquisaram e trouxeram as definições que encontraram aqui e ali, e debateram a respeito. Também comentaram sobre o silêncio, pesquisando e debatendo. Estas duas palavras me deixaram pensativo mesmo antes, quando ainda era a minha vez de cursar a disciplina, e durante este trabalho eu pretendo tratar um pouco sobre elas, em tom grave e agudo, pois ainda me sinto em potência enquanto trabalhando a minha musicalidade, e estes temas fazem todo sentido para mim.

Minha trajetória até aqui sempre foi profundamente relacionada com a música, e isso teve reflexos igualmente profundos na minha trajetória escolar, desde a infância até chegar aqui, próximo ao fim da minha graduação em – é sempre importante ressaltar – Pedagogia.

Sempre gostei de cantar, e sempre elogiaram a minha voz. Cantava nos ônibus, olhando para a janela, sem me tocar da presença das outras pessoas, como se habitasse um mundo particular no momento que abria a boca. Cantava em todo lugar, até quando passei alguns dias internado. Cantar para mim é externar uma intimidade, quanto mais confortável me sinto, mais alto canto.

Na escola, porém, poucos souberam que eu cantava, o que hoje me gera certa estranheza, pois parece que passei anos escondendo uma parte fundamental da minha identidade. Penso que, talvez, não enxergasse a escola como um lugar para externar esse meu lado, mesmo sendo uma parte fundamental de mim.

Quando mais novo, o ato de cantar surgia para expressar meu grau de conforto com determinado meio, ainda que não soubesse. Hoje, enquanto mais consciente de mim, assumo que ainda me pego cantarolando, quando distraído, porque faz parte de quem sou, mas aprendi a resguardar melhor essa intimidade, esse meu lado.

Não gosto que me conheçam antes pela voz, pois percebi que a perspectiva das pessoas sobre mim mudava, mesmo que não entendesse o

porquê. Antes gosto que me escutem falar, que perguntem meu nome e saibam quem eu sou, e, quando me sentir confortável, cantarei quase que espontaneamente, sem me preocupar com o meio ou possível finalidade, **me expressarei em minha totalidade.**

O que quero que entenda, querido leitor, é que às vezes, a expressão se organiza melhor sobre a forma de música. A partir disso, as próximas páginas trarão algumas letras de música e como elas representam a vida no cotidiano, as emoções, as experiências sociais. Por isso, é importante que nos processos educativos em música, na sala de aula, exista espaço para todas as músicas, todas as formas de expressão, pois elas representam a vida de muitas pessoas, e devem ser legitimadas.

DIÁRIO DE UM DETENTO

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã
Aqui estou, mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel
Na muralha, em pé, mais um cidadão José
Servindo o Estado, um PM bom
Passa fome, metido a Charles Bronson
Ele sabe o que eu desejo
Sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero
Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?
Mando um recado lá pro meu irmão
Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão
Ele ainda tá com aquela mina
Pode crer, moleque é gente fina
Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro, e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar
Homem é homem, mulher é mulher
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10
Cada detento uma mãe, uma crença
Cada crime uma sentença
Cada sentença um motivo, uma história de lágrima
Sangue, vidas inglórias, abandono, miséria, ódio
Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química
Pronto, eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã
Aqui não tem santo
Rátátátá preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege
Tic, tac, ainda é 9 e 40
O relógio da cadeia anda em câmera lenta
Ratatátá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita

Com raiva por dentro, a caminho do centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu computador
Hoje tá difícil, não saiu o Sol
Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros têm a mente mais fraca
Não suportam o tédio, arruma quiaca
Graças a Deus e à Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde Terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e Pinho Sol
Um preso se enforcou com o lençol
Qual que foi? Quem sabe? Não conta
la tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes
Aí moleque, me diz, então, cê quer o quê?
A vaga tá lá esperando você
Pega todos seus artigos importado
Seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do Inferno com moral
Um dia no Carandiru, não, ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros
Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Ângela
Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada
Mas pro Estado é só um número, mais nada
Nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês, cada
Na última visita, o neguinho veio aí
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free
Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma nove milímetros embaixo da blusa
Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?
Aquele puta ganso, pilantra corno manso
Ficava muito doido e deixava a mina só
A mina era virgem e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó
Esses papos me incomoda
Se eu tô na rua é foda

É, o mundo roda, ele pode vir pra cá
Não, já, já, meu processo tá aí
Eu quero mudar, eu quero sair
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum
E eu vou ter que assinar o 121
Amanheceu com Sol, dois de Outubro
Tudo funcionando, limpeza, jumbo
De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio
Acertos de conta tem quase todo dia
Tem outra logo mais, hãh, eu sabia
Lealdade é o que todo preso tenta
Conseguir a paz, de forma violenta
Se um salafrário sacanear alguém
Leva ponto na cara igual Frankenstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fudeu, foi além, se pã, tem refém
Na maioria, se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder
Dois ladrões considerados passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria por vir
Traficantes, homicidas, estelionatários
Uma maioria de moleque primário
Era a brecha que o sistema queria
Avisse o IML, chegou o grande dia
Depende do sim ou não de um só homem
Que prefere ser neutro pelo telefone
Ratatatá, caviar e champanhe
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio
O ser humano é descartável no Brasil
Como modess usado ou Bombril
Cadeia? Guarda o que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz
Ratatatá sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor
Perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23
Sem padre, sem repórter
Sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolf Hitler sorri no inferno
O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio e ri como a hiena
Ratatatá, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue

*Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia 3 de Outubro, diário de um detento*

(Mano Brown; Josemir Prado. 1997)

MÚSICA, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Esta música, composta por Mano Brown – **Pedro Paulo Soares Pereira** – enquanto no grupo Racionais MC's, em parceria com o escritor e ex-detento **Josemir Prado**, mais conhecido como Jocenir, representa um marco para a história e cultura do Brasil ao retratar o Massacre do Carandiru, que ocorreu no dia 02 de outubro de 1992, na Casa de Detenção de São Paulo, após uma intervenção da Polícia Militar que culminou com a morte de 111 detentos pelas mãos das forças policiais.

Você pode estar se perguntando por qual motivo eu trouxe esta letra, e eu respondo que não, eu não sou um sobrevivente do massacre, e nem teria idade para tal, visto que nasci em noventa e nove. Jocenir e Brown, apesar da excelente parceria, também não estiveram lá. A letra, na realidade, foi escrita a partir dos relatos de detentos – estes sim sobreviventes – que partilharam cela com Jocenir enquanto este aguardava o seu destino ser traçado pela justiça brasileira.

Ele não ter vivido a situação na pele faz com que esse diário perca a validade? A resposta é não. E por quê? Veja bem, a letra desta música, antes do seu destino final, passou pelas mãos de diversos detentos para aprovação, e eles, mesmo sem trazer as referências da distante academia, disseram sim à obra partindo de um parâmetro extremamente poderoso: suas vivências.

A proximidade de Josemir com essas vivências, e o respeito à validade delas, tornou possível a construção do trabalho de uma maneira que fizesse sentido a todas as partes, sem exceção, sem juízos de valores ou discursos que se sobressaem. Portanto, penso que qualquer figura externa que surgisse para invalidar este discurso encontraria sérios problemas, pois não haveria de contrapor apenas as palavras de uma massa de vozes, nem especificamente a de Jocenir ou Mano Brown. Esta figura haveria de contrapor o próprio jeito de se fazer ciência, visto que a construção deste diário em nada deve à investigação científica quando o assunto é seriedade no processo de construção.

Deste modo, fazendo uma alusão, Jocenir e Mano Brown, quando apresentaram seu trabalho final aos detentos, estavam em uma defesa, e os detentos eram – quer você goste ou não – a autoridade no assunto que validaria a produção. Este meu pensamento não surge ao acaso, tomei como base o texto Preconceito e Educação Estética na Educação Musical, de Saulo Pequeno e Daniela Barros, que buscam em Vigotski a seguinte reflexão:

Segundo Vigotski (...) o objetivo da arte não é divulgar concepções morais. A relação de cada indivíduo com as obras de arte é particular. Ou seja, cada pessoa terá um sentido, uma resolução diferente que se atribui ao que experimenta com uma obra de arte, com uma música. Portanto, não é possível assegurar que a mesma lição moral será apreendida por todos, ou mesmo que uma obra resultará em qualquer conclusão de ordem moral. Ou seja, uma atitude marcada pelo preconceito justificada pela moral não poderá alcançar a dimensão estética, pois esta se encontra fora de seu alcance. (PEQUENO; BARROS, 2015 p.)

O preconceito pode se apresentar de diversas maneiras, mas em todas elas o seu objetivo básico é diminuir ou invalidar algo que, por consequência, reverbera nas vivências de alguém. Falar de vivências, por sua vez, não é um assunto tão simples. Quer partam elas da curiosidade ingênua ou epistemológica, ou seja, do ponto de partida ou do vir a ser, segundo Paulo Freire (2022), todas elas merecem o mesmo respeito.

Respeito este que, se aplicado, tornaria o meu leitor incapaz de entender a minha provocativa ao tratar detentos como doutores. Mas você o entende, e entende porque para a nossa sociedade tudo se resume a títulos, sejam eles explícitos ou implícitos. Alguns torcerão seus narizes, pois para estes um presidiário não encontraria validade nem ao julgar suas próprias vivências. Um detento... e um doutor, um com diploma, outro sem, um toma a fala, o outro se cala em um quarto apertado, destacado de uma sociedade de doutores, professores, policiais, bombeiros e pessoas que, com seus diversos títulos de validade social, se regozijam em suas falsas liberdades, mas não sabem lidar com a prova clara – e esta seria um simples presídio – de que elas são cedidas.

Liberdade, foi a palavra que reverberou em minha cabeça por semanas, desde que me dispus a escrever este trabalho. Não cheguei a esta música atoa, e não me agrada a sua estética atoa. A fala calma de Mano Brown, associada a

uma batida tranquila, por algum motivo cria o cenário perfeito para a provável música mais violenta que já escutei. Eu, que nunca fui simpático à violência, me junto às milhões de pessoas que sentiram verdade na letra, na estética desta música, em sua arte, pois a música, enquanto arte, surge para expressar aquilo que não conseguimos a partir do cotidiano. Ela vem daquilo que precisamos externar ao mundo, a partir da nossa relação com o mundo, enquanto um rico campo para as nossas leituras deste mesmo mundo, como afirma a autora, a seguir:

A base da música é o contraste, a igualdade e a desigualdade, o movimento. Para Hegel (...), o conteúdo da música é a vida, o interior da alma, a atuação livre e subjetiva. A arte musical debate-se entre essa interioridade livre e a exterioridade daquelas relações quantitativas fundamentais. Mas essa oposição não pode ser entrave para a música. Ela deve acolhê-la e ultrapassá-la, já que ela fornece movimentos livres ao ânimo, expressos por meio de proporções necessárias, base segura em que a vida interior se move e é desenvolvida livremente, mas plena de conteúdo por meio dessa necessidade. (PEDERIVA, 2009, p.75)

Nunca fui simpático à violência, mas nem por isso ela deixou de ser presente em minha vida, e mesmo agora, no momento desta escrita, sinto-me como um sobrevivente às táticas de extermínio escancaradas e normalizadas em nossa sociedade. Não nasci no Distrito Federal, mas desde São Paulo vivi na periferia. Quando criança acreditava em um mundo perfeito, que era plenamente compreensível à minha cabeça, assim como a de qualquer criança que teve a sorte de ser blindada do tal mundo real.

Eu já sabia o que era um revólver, mas nunca imaginei que teria um apontado para a minha cabeça alguns anos depois, nunca me imaginei rendido, ajoelhado, subjugado ao juízo de policiais que, por título de um estágio qualquer ou grau de estudante em universidade renomada, me livrariam do que julgaram ser um mal entendido.

Nunca saberei dizer se tive mais medo desta situação, ou do dia que fui rendido por três adolescentes armados, da minha idade. Para vocês, talvez, fosse fácil decidir, mas aos adolescentes apenas interessavam as minhas posses, e a manutenção de um cenário que eu senti na pele, na coronhada que recebi ao tentar contestar o assalto. Mas, enquanto ajoelhado, rendido pelos

policiais, para mim o fim tinha chegado. Não havia nada que pudesse dizer, nada que pudesse fazer, a mim recairia o título que lutei bravamente para contrariar.

De nada havia adiantado, na minha cabeça, acordar cedo todos os dias, trabalhar e estudar. Se fosse mesmo preso, quem eu seria agora? É nisso que penso toda vez que escuto Diário de um Detento. Teria eu sido espancado, assim como Jocenir, por não conhecer ninguém, por ter sido blindado? Quantas realidades existem na periferia? Quem sabe dizer? Eu? Os Racionais? Está em algum artigo ou texto que eu deveria ter buscado para apresentar a você, caro leitor? Você sabe?

*Zona Sul é invés, é estresse concentrado
Um coração ferido por metro quadrado
(Mano Brown. 2002)*

E é partindo deste trecho de música, novamente dos Racionais, que eu venho humildemente dizer que, apesar de só poder falar por mim, enquanto morador da periferia, ainda espero, de alguma forma, que a minha história possa se unir a outras e reverberar em um turbilhão de vivências que soará aos ouvidos, e aos corações, como um grito. Um grito de quem vive as práticas de extermínio social, de quem é seu refém. De quem luta pra contrariar estatísticas frias e reais, de quem passa dez horas na fila de um hospital e é obrigado a desistir do atendimento, de quem sobrevive para contar a própria história e quer escrever com a certeza de chegar até o ponto final, não somente sendo descrito por alguém de outra realidade, da outra ponta do mapa.

Nunca sonhei em ser um músico famoso, sempre quis ter uma vida tranquila e segura, sem holofotes. Só não queria sofrer, poder ir e voltar sem me preocupar com uma invasão à minha casa, ou se o horário é adequado, e já pensava isso mesmo antes de escutar o seguinte trecho da música Vida Loka parte II, dos Racionais:

*Às vezes eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato só seu
Sem luxo, descalço, nadar num riacho
Sem fome, pegando as fruta no cacho*

*Aí, truta, é o que eu acho, quero também
Mas em São Paulo Deus é uma nota de 100
Vida loka
(Mano Brown. 2002)*

Ser um Vida Loka, ou ser um Thug life, sendo a primeira expressão inspirada na segunda, do 2pac, significa perseverar em meio às adversidades. Eu mesmo, enquanto no ato de escrita, me ressignifico ao confrontar diversos rótulos que recaem sobre mim, mesmo nos méritos.

*Crime, futebol, música, carai
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
(Mano Brown; Edy Rock. 2002)*

Muitos dizem que tenho uma voz boa, algum talento musical, mas eu sempre cantei por mim, para mim. Não me importei quando disseram que música clássica era ruim, que dava sono, que era barulho. Sinto amor quando escuto a *Clair de Lune*, de Debussy, mas também sinto muita raiva quando penso em algumas coisas, e sinto esta raiva como uma combustão, uma força motriz dentro de mim. Raiva esta que já foi raivosidade, e, portanto, sem alvo específico, se tornava raivosidade por conta da ingenuidade. Não é errado sentir raiva, mas a raivosidade nos traz a um passo do sectarismo, da odiosidade, nos adoce enquanto sociedade, e pode nos adoecer, principalmente, enquanto educadores e educadoras dentro desta mesma sociedade.

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 2022. p. 41)

Senti raiva, e ainda sinto, quando penso que fui reprimido simplesmente por querer dançar, quando mais novo, as músicas do Michael Jackson. Por ter me tornado piada, porque para o mundo que me cercava e ainda cerca, tem-se a ideia de que homem não dança, não rebola, parece que não podemos ter cintura. Sofri comentários homofóbicos até no ambiente escolar, e internalizei em mim uma homofobia que seguiu por muito tempo para justificar uma série de preconceitos.

Chorei, me isolei, ainda hoje não danço, não consigo, travo. E, por mais que tente reverter esta situação, não encontro saída para algo que parece tão simples. **Quem seria eu hoje em dia se, ao invés de reprimido, tivesse sido incentivado?** Eu não fazia nada de errado, minha expressão era legítima, mas só hoje entendo isso.

Danos que luto ativamente para reverter, sou uma história em construção. Sinto raiva quando penso que deixei de escutar músicas que gostava, que me tocavam profundamente, por pensar que poderia ser mal visto, por que haviam homens se beijando no clipe. Foi assim com Amor Marginal, de Johnny Hooker. Escutei pela primeira vez na televisão, em uma série ou novela, não recordo ao certo qual. A música só falava sobre amor, e me tocava profundamente, mas depois que vi o clipe pensei que não era música para mim, pensando em tudo que passei, tudo que internalizei.

Quando parei de dançar, também lutei para afastar todo e qualquer rastro que me associasse àquelas vivências doloridas, do julgamento que recebi, e ainda hoje sinto vontade de chorar quando lembro. **Dói.**

Assim, a criança pequena estende pela primeira vez suas mãos, com confiança, para a luz [uma vela, por exemplo] mas, se se queimar alguma vez, começa a sentir medo do fogo e reage com grande temor quando se aproxima dele. Temos aqui o fechamento de uma nova reação, não através do estabelecimento de um reflexo condicionado, mas de algo diferente, ou seja, a conexão independente entre duas emoções, em que uma emoção de dor fortemente vivenciada provoca a emoção do medo. Em outras palavras, o efeito emocional de algum fato ou reação serve como causa para a formação de uma série de outras conexões emocionais. Quando se deseja que a criança sinta medo de algo, é preciso vincular o aparecimento disso à dor ou ao sofrimento para o organismo; assim, o temor surge sozinho. (VIGOTSKI, 2003. p.120.)

Quando deixei que os julgamentos alheios, injustificados, definissem quem sou para mim, desestabilizei. Calei, consenti, e segui em frente pensando até nos mínimos passos. Não queria ser isolado, e, aparentemente, ser eu mesmo não ajudaria neste sentido. Em uma conversa com meu irmão sobre racismo, não há muito tempo, ele trouxe para mim algo que nunca quis pensar, ou sempre evitei: A diferença com que fomos tratados quando éramos crianças.

Eu, a criança energética, que cometia erro após erro, que era vista como esfomeada, feia. Uma vez me disseram que eu era o pretinho, mas não senti afeto algum da boca que veio esta palavra, as vezes nem nome eu tinha para as pessoas, não tinha identidade. Era ignorado, uma criança problemática. Ao meu irmão não recaía metade desses julgamentos, mesmo que vivêssemos juntos e partilhássemos das mesmas influencias, do mesmo dia-a-dia. E foi ele que reconheceu isso tudo.

Meu riso aos poucos foi sendo substituído pelo choro. Chorei, e chorei. Meu pai dizia que tinham inveja, que na verdade eu era lindo e me invejavam por isso. Meu pai, preto como eu, fazia naquele tempo um movimento que eu não entendia, mas passei a entender quando cresci, quando amadureci. Ele buscava preservar minha saúde mental, me fortalecer, dar o apoio que ele quis ter e não teve, quando na minha idade, e mesmo depois.

A nós recai um peso, valem os mesmos, ou deveríamos valer, mas nem de longe somos iguais. Somos sujeitos particulares neste mundo, mas compartilhamos muitas características que podem ou não ter valor para a sociedade, para o nosso meio, seja no micro ou macro das relações. Coisas internalizadas, que passam despercebidas por fazerem parte de um status quo frio e mal intencionado, dito imparcial.

Fora disso, me emaranho na rede das contradições em que meu testemunho, inautêntico, perde eficácia. Me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários. Tão fingido quanto quem diz combater o racismo mas, perguntado se conhece Madalena, diz: “Conheço-a. É negra mas é competente e decente.” Jamais ouvi ninguém dizer que conhece Célia, que ela é loura, de olhos azuis, mas é competente e decente. No discurso perfilador de Madalena, negra, cabe a conjunção adversativa mas; no que contorna Célia, loura de olhos azuis, a conjunção adversativa é um não-senso. A compreensão do papel das conjunções que, ligando sentenças entre si, impregnam a relação que

estabelecem de certo sentido, o de causalidade, falo porque recuso o silêncio, o de adversidade, tentaram dominá-la mas não conseguiram, o de finalidade, Pedro lutou para que ficasse clara a sua posição, o de integração, Pedro sabia que ela voltaria, não é suficiente para explicar o uso da adversativa mas na relação entre a sentença Madalena é negra e Madalena é competente e decente. A conjunção mas aí, implica um juízo falso, ideológico: sendo negra, espera-se que Madalena nem seja competente nem decente. Ao reconhecer-se, porém, sua decência e sua competência a conjunção mas se tornou indispensável. No caso de Célia, é um disparate que, sendo loura de olhos azuis não seja competente e decente. Daí o não-senso da adversativa. A razão é ideológica e não gramatical. (FREIRE, 2022. p. 48)

Perdoe o longo trecho, caro leitor, mas creio que cada palavra deste seja indispensável para que possamos entender que não existe imparcialidade em nossas ações, que traçamos um caminho que pende para algum lado em cada frase que proferimos. Um dia uma colega achou pertinente me dizer que minha boca – segundo ela **sem maldade** – se assemelhava a de um macaco, por conta dos meus lábios grossos, e isto me fez sentir péssimo, era mais um elemento da minha aparência com que haveria de me preocupar, era cansativo. **Era racismo, mas eu não entendia.**

Sinto raiva, e poderia dizer mais motivos para isso, mas creio já me fazer por entendido. Dói dizer, mas agora eu sei – diferente de quando comecei a escrever – que é necessário. Quando escrevo não comento apenas contigo, caro leitor, converso comigo mesmo também, assim como Winston em seu quarto escuro, diante do medo das teletelas. Também sinto medo do que podem pensar de mim, das leituras que podem fazer deste trabalho, mas sinto que fui sincero em cada palavra, e por isso o enfrento, no sentido do fazer certo, do que faz sentido para mim.

NEGRO DRAMA

*Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura
Negro drama, tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança
Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso?
Desde o início por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então, olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão
Eu sou irmão dos meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tin-tin, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias
O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer
Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota
Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca
Negro drama de estilo
Pra ser e se for, tem que ser, se temer é milho
Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar que sou homem e não um covarde
Que Deus me guarde pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória
Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro*

Pesadelo é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
Num clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil
Um fuzil
Negro drama
Crime, futebol, música, carai
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha
Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro, sem rosto e coração
Ei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo
Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai
Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé
Cê disse que era bom e as favela ouviu
Lá também tem whisky, Red Bull, tênis Nike e fuzil
Admito, seus carro é bonito
É, eu não sei fazer
Internet, videocassete, os carro loco
Atrasado, eu tô um pouco sim
Tô, eu acho
Só que tem que, seu jogo é sujo e eu não me encaixo
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal
Problema com escola, eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto
Esse não é mais seu, ó, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, há, que ironia
Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?
Eu recebi seu tic, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite

De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você, não, cê não passa quando o mar vermelho abrir
Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, Obá
Aquele louco que não pode errar
Aquele que você odeia amar nesse instante
Pele parda e ouço funk
E de onde vem os diamantes? Da lama
Valeu mãe, negro drama
Drama, drama, drama
Aê, na época dos barracos de pau lá na Pedreira, onde cês tavam?
Que que cês deram por mim? Que que cês fizeram por mim?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
Agora tá de olho no carro que eu dirijo
Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay e toda a família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar
Anos 90, Século 21, é desse jeito
Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho em você, morou?
Sabe por quê? Pela sua origem, morou irmão?
É desse jeito que você vive, é o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
Aí Dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha
Mas aê, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé
Vagabundo nato!

(Mano Brown; Edy Rock. 2002)

Esta música conta o que muitos não puderam falar por conta própria, pois o livro da vida de um morador da periferia, de um jovem da periferia, é um conto que só tem a certeza de um ponto final se contado por um narrador branco na outra ponta do mapa.

MÚSICA E ESPERANÇA

Uma vez, durante a aula de Educação Musical, a professora Patrícia nos instigou a descrever uma sequência de sons, de acordo com a nossa significação daqueles sons. Eu, naquele momento, não fui tão ativo quanto gostaria, mas observei atentamente as colaborações dos meus colegas. Muitos trouxeram ideias parecidas, alguns escutaram estrelas... Escutar estrelas, aquilo ficou na minha cabeça.

Em primeiro lugar porque achei aquela atividade toda, e as contribuições dos meus colegas – apesar de muito válidas – muito infantilizadas, e isto me fez sentir isolado. Por que eles conseguiam enxergar estrelas e eu não? Minha criança interior, que tanto se dizia, havia morrido em meio às crises e estresses da vida adulta? Percebi que há muito não olhava o céu, que não apreciava a noite, porque o silêncio dela me fazia lembrar das voltas para a casa de madrugada, dos conflitos com os professores para sair vinte ou trinta minutos mais cedo, de depender do seu julgamento. Mal sabiam eles que eu queria ficar, que não queria gastar duas horas voltando para casa, que não queria sentir o perigo, o medo do silêncio.

O silêncio é fundamental à atividade humana, afinal, não existe música, ou mais especificamente ritmo, sem pausas. O que seriam das falas sem a pausa para a respiração, ou mesmo para organizar os sons? O silêncio é importante, mas quando domina tudo é mais ensurdecedor do que qualquer barulho, e nas ruas, na noite, o silêncio reina. As pessoas se recolhem em suas casas para descansar, tudo está deserto, a atividade humana se acalma, mas não para todos. Se pensar no âmbito da educação, por exemplo, ainda temos alunos da Educação de Jovens e Adultos em plena atividade noite a dentro, e eu partilhei de muitos dos seus sentimentos até chegar aqui.

A classe trabalhadora, que resiste em meio a um sistema que, apesar de dependente da nossa mão de obra, não nos considera em nossa totalidade.

Criamos mecanismos para sobreviver na volta para a casa, não olhamos para o céu, não nos interessam as estrelas. E foi com isso tudo em mente que não consegui sentir conforto diante do ambiente perfeito criado na aula. Me sentindo um antagonista, trazendo timidamente Diário de um Detento para dizer que adulto também tem muita musicalidade em si, para externar ao mundo.

Negro drama, tenta ver e não vê nada

A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada

(Mano Brown; Edy Rock. 2002)

Quase que por coincidência, quando levado a estas ideias, um dia resolvi assistir um filme que há muito meu irmão insistia que eu visse. O nome dele era *Soul: Uma Aventura com Alma (2020)*.

Um filme sobre música, da Disney. Foi o que ele disse quando perguntei do que se tratava. Mas depois entendi que, apesar das poucas palavras, para ele significava muito mais do que aquilo, e o filme nos mostra isso. É interessante pensar que adiei, enrolei, até o dia em que não consegui fugir. E neste tempo, por coincidência, estava cursando a disciplina de Educação Musical, e quando trouxe minha experiência com este filme para a sala de aula percebi o quanto já havia sido marcado, visto que alguns colegas – que também assistiram – ponderaram surpresos sobre aspectos que não haviam percebido, mas que exerciam relação muito íntima com a disciplina.

Trouxe o filme como uma provocativa, desafiei a professora Patrícia, do alto do seu conhecimento musical, a tentar achar qual parte da obra eu mais havia relacionado com a disciplina dela. Por que fiz isso? O filme tem mesmo uma série de elementos a se notar, elementos que me fizeram entrar em um limbo de emoções, a alguns deles me agarrei fortemente, até pessoalmente. Mas para além de tudo, em um ponto o filme me levou a refletir profundamente enquanto educador musical.

Em *Soul*, somos apresentados a Joe Gardner, um músico que é professor, mas na verdade queria ser um jazzista famoso, e não só por amar o piano, mas também por sua construção enquanto sujeito histórico-cultural. Mas ele não enxergava que conseguiria alcançar isso preso a uma escola, a um trabalho cotidiano onde sempre viveria o mesmo. Quando ele consegue a oportunidade

de se apresentar em um evento importante, com uma celebridade local, ele acaba sofrendo um acidente e sua alma é encaminhada para uma grande estrada em linha reta que encaminhava para o pós vida, mas ele não aceita aquela condição e pula para fora da estrada.

Joe acaba se metendo em algumas confusões até ter que se passar por alguém para evitar a perseguição daqueles que queriam leva-lo ao seu destino final, só que esta pessoa exemplar pela qual ele se passava foi escolhida para atuar como mentora para uma nova alma, para motivá-la a partir de suas vivências a desenvolver algum interesse por alguma atividade humana, e assim pudesse nascer.

Joe acaba sendo escolhido para orientar 22, uma alma antiga, com a qual mesmo as personalidades mais famosas não conseguiram lidar, pois simplesmente nada parecia ter significado real para ela, que, por sua vez, também se enxergava como um erro e já havia desistido da possibilidade de nascer.

A história de Joe, ao que parecia, não serviria de nada, visto que era forjada por tristezas e decepções, pelo menos partindo de sua perspectiva individual. Mas, entendendo nela uma oportunidade de voltar à vida, Joe decide embarcar nesta aventura por motivos – e por que não? – meramente pessoais.

Em um ponto da história ele consegue voltar ao mundo real, mas no corpo de um gato, enquanto 22 cai acidentalmente em seu corpo, e lá aquela alminha tem uma experiência inédita: viver! E vivendo ela sente vontade de experimentar a vida. Quando Joe retorna ao seu corpo original, e todo o mal entendido é desfeito, ele se depara com diversos elementos simples do cotidiano que 22 recolheu durante suas poucas horas de vida, e nelas ele consegue sentir todos os sentimentos que ela agregou a eles, toda a significação que deu.

Neste momento, Joe coloca aqueles elementos diversos sobre o piano e compõe, como se fossem partituras, e foi esse ponto do filme que me marcou. Na aula das estrelas que mencionei há pouco, de descrever o som que escutávamos da maneira que mais nos fazia sentido, estudávamos sobre partituras musicais, e veja como o filme trouxe aquilo de maneira tão forte. Joe conseguiu ter uma experiência que nós, educadores e educadoras musicais, nunca conseguiremos ter, e haveríamos, talvez, de invejá-lo por isso.

Eu, para expressar toda a minha construção enquanto sujeito histórico-cultural, enquanto na minha relação com a música, preciso de linhas e mais linhas, e ainda sinto algo por dizer. Todo esse processo de entendimento, tão necessário a nós, seres humanos, não precisaríamos dizer uma só palavra se pudéssemos sentir uns aos outros, como Joe sentiu 22, e assim a entendeu em sua vontade de simplesmente viver. Não só a relação entre educador e educando, mas todas as relações humanas talvez fossem diferentes se pudéssemos entender profundamente a pluralidade de significações que as pessoas podem empregar a um mesmo acontecimento, uma mesma situação.

Valendo-nos de exemplos que vimos quando analisamos crianças, podemos dizer, com mais precisão ou exatidão, que os momentos essenciais para definição da influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a vivência. A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança. (VIGOTSKY, 2018. p.75.)

Pensar deste modo pode tornar tudo pejorativo ao leitor, como se nunca pudéssemos nos entender, certo? Errado. Não podemos mesmo partilhar sensações, o quanto dói ou deixa de doer, se é sincero ou não, mas é justamente por isso que fazemos todo esse movimento de investigação, de buscar as causas, de falar, de expressar **a nossa singularidade neste mundo, que deve ser respeitada**. “Não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar.” (HOOKS, 2017. p.103.)

Não haveríamos de compor música, ou mesmo de pensar em Educação Musical se a nós tudo fosse dado com tamanha facilidade. Partilhar deste sentimento negativo é uma armadilha, e o próprio filme tenta nos trazer outra mensagem, que também está ligada a algo fundamental para a própria educação, na relação entre educador e educando.

O professor não faz a educação sozinho, ela é construída, e neste processo é necessário considerar todas as partes envolvidas. A professora Patrícia não acertou a qual parte atribui mais significado no filme, mas eu expliquei qual era, expressei. Ela, por sua vez, fez todo um movimento que me

considerava, a partir de sua visão, para tentar resolver o desafio. Todo esse processo é válido, e deve ser trazido para a sala de aula. Ainda podemos dialogar, respeitando a riqueza das vivências e significações de cada um para encontrar um sentido comum, construído coletivamente, e que – e não mas – seja capaz de contemplar todas as partes.

Não enxerguei estrelas como meus colegas, mas toda vez que escuto Negro Drama, toda vez que escuto sua batida profundamente tocante, junto de uma letra que vem para conversar com todos os Negros Drama que estão aí pelas ruas lutando, e as quais me integro e sinto pertencente, sinto uma realidade menos fria neste mundo, **identificação**. Quando escuto esta música me permito olhar para o céu, enxergo o brilho das estrelas – mesmo que longe e meio ofuscadas – e me sinto pertence a este mundo, entendendo que posso lutar pelo meu espaço dentro dele com a mesma garra que os Racionais MC's impregnaram suas palavras com um **sentido** que significa muito para mim.

O Negro Drama é uma poesia da periferia para a periferia. Não é sobre erros e acertos, mas sim sobre pontos valiosos para a compreensão de uma realidade. E assim que me dei conta disso, entendi que não era, que não sou mais o mesmo. Eu, Anderson Lima de Oliveira, graduando em Pedagogia pela Universidade de Brasília, filho da dona Sheila, mais um morador da periferia, fruto da minha comunidade, um Negro Drama que é, também, um **educador musical**, e que conseguiu dar ponto final a este texto, mas continuará escrevendo.

Espero encontrar você novamente, querido leitor.

REFERÊNCIAS

BROWN, Mano. ROCK, Edy. **Negro Drama**. Acesso em 12/7/2022. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63398>

BROWN, Mano. PRADO, Josemir. **Diário de um detento**. Acesso em 12/7/2022. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63369>

BROWN, Mano. **Vida Loka (parte 2)**. Acesso em 12/7/2022. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/64917>

HOOKER, Johnny. **Amor Marginal**. Acesso em 15/8/2022. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/johnny-hooker/1729525>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 72a edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo. **Preconceito e educação estética na educação musical**. In PEDERIVA, Patrícia; MARTINEZ, Andreia. A escola e a educação estética. Curitiba: CRV, 2015, p. 53-64.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. São Paulo, Martins Fontes, 2017.

PEDERIVA, Patrícia. **A atividade musical e a consciência da particularidade**. Tese de doutorado, 2009. Acesso em 21/8/2022. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4430/1/2009_PatriciaLimaMartinsPederiva.pdf

VIGOTSKI, Lev Semionovich . **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre,: Artmed, 2003

VIGOTSKI, Lev Semionovich . **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia.** Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2018

SOUL: Uma Aventura com Alma. Filme. Acesso em 21/08/2022.
Disponível em: Disney+